UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

"UMA HISTÓRIA DE AMADORES"
A CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM NO ESTILO JORNALISMO LITERÁRIO

PROJETO EXPERIMENTAL

Jonas Migotto Filho

Santa Maria, RS, Brasil

2015

“UMA HISTÓRIA DE AMADORES”
A CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM NO ESTILO JORNALISMO LITERÁRIO

Jonas Migotto Filho

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araújo

Santa Maria, RS, Brasil

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o projeto experimental

"UMA HISTÓRIA DE AMADORES"
A CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM NO ESTILO JORNALISMO LITERÁRIO

Elaborado por
Jonas Migotto Filho

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araújo (Orientador/UFSM)

_____
Prof. Dra. Aline Roes Dalmolin (UFSM)

_____
Mestrando Iuri Almeida Müller (PUCRS)

Santa Maria, 15 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

É impossível citar nomes aqui sem cometer injustiças. Então, primeiramente, obrigado a todos e a todas que, de alguma forma, contribuíram com a minha trajetória e com a realização deste trabalho. Mas arrisco alguns agradecimentos em especial:

Ao Ninha e à Belise, quero agradecer não só por esses quatro anos de faculdade, mas por todos os momentos da minha vida, pelo apoio, incentivo, pelo amor e por todo o esforço feito para que fosse possível chegar até aqui.

Ao meu tio Horse, obrigado por todo o suporte e amizade, pelas caronas, os almoços e as conversas que tivemos.

À minha família, pelo carinho, companheirismo e por todos os valores que levarei para o resto da vida.

À Kristhel, agradeço por cada segundo que ficou ao meu lado durante toda a construção deste trabalho. E por ser essa pessoa tão linda e pequeninha, mas de importância gigante na minha vida, desde o momento em que nos conhecemos.

Aos meus amigos de Dona Chica, em especial ao Paulo, ao Dudu, ao Mud, ao Lucas e à Maria, pela união que, apesar do afastamento pelos rumos que cada um escolheu seguir, já dura muitos anos e vai durar por todos os outros que ainda estão por vir.

Ao Samuel, ao Rodrigo Thiel e ao Rodrigo Gonçalves, que, além de grandes amigos, leram grande parte deste trabalho e me apontaram sugestões na sua elaboração.

Aos irmãos que ganhei durante esses quatro anos no curso de Jornalismo: Bernardo, Gui Gabbi, Joe, Tubino e Quaresma, por cada risada, cada momento que passamos juntos e pela “Sol” quente de vinte e dois reais.

Aos demais colegas do curso, por me proporcionarem conhecer pessoas tão diferentes, mas com sonhos tão parecidos.

Ao meu orientador e amigo, Paulo Roberto Araújo, por reacender a paixão pelo jornalismo na minha vida.

Aos professores da UFSM, pelos ensinamentos durante esses quatro edificantes e enriquecedores anos.

Aos professores da Unifra, por todas as noites inspiradoras de aulas de História.

E, finalmente, a todos os membros do Esporte Clube Franciscano, por construírem essa apaixonante história de mais de 80 anos e por tornarem este trabalho um sonho possível.

[...] eu também quis ser jogador de futebol.
jogava muito bem, era uma maravilha,
mas só de noite, enquanto dormia:
de dia era o pior perna de pau que já passou
pelos campos do meu país.

Eduardo Galeano

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Título: "Uma história de amadores." A construção de um livro-reportagem no estilo Jornalismo Literário.
Autor: Jonas Migotto Filho
Orientador: Paulo Roberto de Oliveira Araújo

RESUMO

Este projeto experimental busca produzir um livro-reportagem, no estilo Jornalismo Literário, sobre o Esporte Clube Franciscano, uma equipe de futebol amador da cidade de Dona Francisca, no Rio Grande do Sul. O material é baseado, principalmente, em relatos de pessoas relacionadas à história do clube, por meio de entrevistas de História Oral. Para a produção do texto, foram utilizados os quatro recursos da literatura de ficção propostos por Tom Wolfe. O estilo humaniza o relato, que se torna mais atrativo e pessoal. O trabalho também traz uma análise do produto experimental e discussões sobre reportagem, livro-reportagem, biografias e as convergências entre jornalismo e literatura.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Livro-reportagem; História Oral; Futebol; Esporte Clube Franciscano.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Title: "A history of amauters". The construction of a book-report in the Literary Journalism style

Author: Jonas Migotto Filho
Adviser: Paulo Roberto de Oliveira Araújo

ABSTRACT

This experimental project seeks producing a book-report on Literary Journalism style, about the Esporte Clube Franciscano, an amauter soccer team from Dona Francisca, in Rio Grande do Sul. The material is based, mainly, in reports from people related to the history of the club, through Oral History interviews. To produce the text, the four fiction literature's resources proposed by Tom Wolfe were used. This style humanize the story, which becomes more attractive and personal. This works brings an analysis of experimental product and discussions about reporter, book-report, biographies and the convergences between journalism and literature.

Keywords: Literary Journalism; Book-report; Oral History; Soccer; Esporte Clube Franciscano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **8**

1. JORNALISMO E LITERATURA: OS PONTOS DE ENCONTRO **10**

1.1 ANTES DO "NEW JOURNALISM" 11

1.2 NEW JOURNALISM: A POPULARIZAÇÃO DO ESTILO 16

2. ALÉM DA NOTÍCIA: O JORNALISMO COM FÔLEGO **20**

2.2. PERFIL: A PESSOA EM FOCO 23

3. PARA A POSTERIDADE: O JORNALISMO NO FORMATO DE LIVRO **26**

3.1 BIOGRAFIA: HISTÓRIA (S) DE VIDA (S) 29

4. PRODUTO EXPERIMENTAL **31**

5. ANÁLISE DO PRODUTO **32**

5.1 OS QUATRO RECURSOS DE TOM WOLFE 37

CONSIDERAÇÕES FINAIS **39**

REFERÊNCIAS **40**

INTRODUÇÃO

O futebol não é feito apenas pelos grandes clubes, craques com status de estrelas, arenas de luxo e salários astronômicos. Existe outro lado do esporte, mas que, muitas vezes, é esquecido e oculto pela imprensa especializada. Nas divisões inferiores dos campeonatos nacionais e estaduais, os jogadores sofrem com folhas de pagamento atrasadas, calendário de meia temporada, desemprego, entre outros fatores que transformam o sonho de menino dos atletas em verdadeiros dramas. E, ainda, existe outra classe do esporte: o futebol amador, praticamente sem espaço entre as histórias do esporte na grande mídia. Nele, vários clubes são tratados com tanta seriedade e responsabilidade quanto os profissionais. É uma categoria feita por apaixonados dispostos a dedicar o tempo livre em prol da equipe do bairro ou do município. As cobranças são as mesmas e o amor pelo escudo da entidade também. Neste segmento do futebol, existe uma gama de histórias de anônimos que circulam, no máximo, entre as rodas de conversa dos amigos, nos bares próximos ao clube que se orgulham fazer parte. Um desses times é o Esporte Clube Franciscano, da cidade de Dona Francisca, na região central do Rio Grande do Sul.

O time, fundado em 22 de novembro de 1933, reuniu, nos mais de 80 anos, diversas pessoas dedicadas pelo futebol de Dona Francisca. Entre campeonatos municipais, regionais, estaduais e amistosos por diferentes lugares do estado, o Franciscano acumula uma grande variedade de histórias, que são repetidas pelos moradores do município cada vez que o assunto é abordado. Porém, esses relatos estão apenas na esfera oral e podem se perder com o passar dos anos. Por isso, esse Projeto Experimental busca registrar momentos vividos por ex-jogadores, dirigentes, presidentes e torcedores do Esporte Clube Franciscano e produzir um livro-reportagem onde essas histórias permaneçam para a posteridade de uma forma atrativa e com o relato humanizado.

Para isso, optamos pelo estilo Jornalismo Literário, pois ele dá a particularidade que a narrativa merece. O material procura contar a história do clube de uma forma que vá além de meras estatísticas e nomes. Um time de futebol é constituído por seres humanos, e eles devem ter suas vidas retratadas com singularidade, com respeito a cada trajetória e às diferentes peculiaridades de cada pessoa na sua relação com o Franciscano.

Os fatos relatados no livro-reportagem são, principalmente, baseados em relatos das pessoas que tiveram suas vidas atreladas ao clube e uma relação íntima com o Franciscano. A apuração foi baseada na Entrevista de História Oral, que prioriza a fala do colaborador, com poucas intervenções do repórter e a liberdade no depoimento oral gravado para que as

lembranças sejam relatadas. Além disso, foram feitas outras entrevistas sem o uso de gravador e uma consulta à fontes materiais como fotos, livro de atas e jornais.

No primeiro capítulo, mostramos as relações entre o jornalismo e a literatura, um histórico do Jornalismo Literário e as oposições em relação ao jornalismo convencional. Também apresentamos um histórico da fase que popularizou o Jornalismo Literário, que ficou conhecido como *New Journalism*, e suas aparições no Brasil.

Na sequência, abordamos as formas de fôlego de fazer jornalismo, principalmente a reportagem. Também são discutidas as dificuldades de realizar um trabalho desse tipo no jornalismo diário, com caráter mercadológico e padronização dos textos. Além disso, é apresentado o gênero perfil, um desdobramento do jornalismo mais bem trabalhado, que prioriza a vida humana e suas nuances em um recorte, uma espécie de retrato.

No terceiro capítulo, apresentamos as formas que os jornalistas têm utilizado para fugir da padronização e dos horários de fechamento, com tempo e espaço reduzidos para a produção de reportagens. Uma das saídas é o livro-reportagem. O capítulo conta um pouco da história desse formato, traz exemplos e busca enquadrar este trabalho em algumas das classificações propostas por Edvaldo Pereira Lima (2009). Além disso, abordamos, em especial, as biografias, uma forma de livro-reportagem que prioriza uma ou mais histórias de vida.

Em seguida, o produto experimental, um livro-reportagem intitulado “Franciscanos: Uma história de amadores”, busca contar histórias do Esporte Clube Franciscano através das pessoas que as construíram. O texto não é narrado de forma cronológica, os capítulos são divididos por temas onde as histórias são agrupadas. Em seguida, analisamos a forma como o livro-reportagem foi constituído e também se ele se enquadra nos quatro recursos do Jornalismo Literário, apropriados da ficção, citados por Tom Wolfe (2005): construção do texto cena a cena, registro de diálogos completos, ponto de vista da terceira pessoa e status de vida. Por fim, apresentamos as considerações finais.

1. JORNALISMO E LITERATURA: OS PONTOS DE ENCONTRO

"O que?", "quem?", "onde?", "quando?", "como?", e "por quê?" são as seis perguntas que compõe o chamado *lead*. Na estrutura da pirâmide invertida, a qual se baseia o jornalismo convencional, as informações mais relevantes para a notícia – o *lead* – devem ficar dispostas no primeiro parágrafo do texto, e, na sequência, as informações secundárias. Uma forma mecânica, engessada, padronizada de fazer jornalismo.

O jornalismo convencional barra as expressões autorais, próprias de cada jornalista, devido à lógica mercadológica dos meios de comunicação.

> A lógica da concorrência, que define como pecado mortal deixar de publicar uma matéria que todos os outros jornais exibirão no dia seguinte, somada à lógica da produtividade, que dificulta a liberação do repórter da pauta diária, contribuem para que os jornais tenham, cada vez menos, grandes reportagens, que exigem tempo, recursos e dedicação total. (COSTA, 2008, p. 22).

Essa lógica preza mais pela forma do que pelo conteúdo. O importante é que a notícia esteja ali e seja entregue para o receptor. Muitas vezes, sem grandes explicações ou desdobramentos do fato. Tudo isso, movido pelos temidos e sufocantes *deadlines*. O tempo de apuração para uma notícia é dividido entre várias outras pautas diárias, o que faz com que, muitas vezes, não recebam a atenção necessária. Cada vez menos jornalistas trabalham nas redações de jornais, isso leva a um acúmulo de funções. Sem falar no espaço perdido para a publicidade nas páginas dos jornais e revistas. Encontrar tempo, espaço e recursos para escrever um texto bem trabalhado e apurado são tarefas difíceis para os jornalistas atuais.

Na contramão disso tudo, está o Jornalismo Literário: uma forma de jornalismo que vai além da escrita e já começa na escolha da pauta. Geralmente, assuntos mais humanos são abordados por jornalistas literários, que levam maior tempo para imersão e aprofundamento nos casos. Por isso, a apuração também é diferente. O autor do texto procura conhecer o universo do entrevistado, conviver com suas fontes, abordá-las de formas diferenciadas, ouve mais do que pergunta, se apropria de técnicas de outros campos de conhecimento, como a "História Oral[1]", por exemplo. Depois, na hora de montar as informações recolhidas e escrever a redação final, além de passar a informação, o objetivo do texto "é fazer com que o

[1] História oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vestidos de oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas. (BOM MEIHY, 2005, p.18)

leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de *entrar* naquele mundo específico que a matéria retrata". (LIMA, 2014, p.15)

O Jornalismo Literário se preocupa com a estética. Dá ao jornalista a liberdade de ousar, dar vida aos textos. São narrativas humanizadas, que apresentam personagens ao leitor, os descrevem, os fazem conversar e criam tensões e expectativas enquanto o leitor acompanha a história por dentro, cada movimento e cada rumo que ela toma. Ler uma grande reportagem no estilo Jornalismo Literário é como ler um romance.

Isso porque o Jornalismo Literário se apropria das técnicas da literatura para ser escrito. Para Felipe Pena (2006), o texto deve ter clareza, veracidade e coerência. E é função do repórter saber os métodos corretos para a apuração e as perguntas certas a se fazer, para depois organizar as informações. Em um texto bem apurado, a história flui naturalmente na escrita. E o autor ainda completa "se puder botar um pouco de charme e um pouco de humor, melhor..." (PENA, 2006, p. 99) E é justamente essa estética literária que coloca o jornalismo no campo da literatura, quando a palavra não é usada apenas como forma de transmitir informação. Para Alceu Amoroso Lima (1990), "tudo é literatura desde que no seu *meio* de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão, que é o seu valor de beleza." (LIMA, 1990, p. 36-37)

1.1 ANTES DO "NEW JOURNALISM"

A relação entre jornalismo e literatura começou há muito tempo. É difícil demarcar uma data exata para as origens da conexão entre as duas áreas. Nascido em 1660, Daniel Defoe foi um dos precursores do romance realista inglês e um homem que já circulava pelos dois campos, o jornalismo e a literatura. Defoe é famoso pelo livro "*Robinson Cruzoé"*, mas foi outra publicação a que mais evidenciou traços comuns das duas áreas e técnicas que seriam usadas, muitos anos depois, no Jornalismo Literário: a obra "*A Journal of the Plague Year"* (Diário do Ano da Praga), de 1772, "uma minuciosa reconstrução da epidemia de peste bubônica que devastou a cidade de Londres em 1965[2]" (CHILLÓN, 1999, p. 77, tradução nossa).

Albert Chillón (1999) vê a obra de Defoe como algo além de um apanhado de informações e datas. "Diário do Ano da Praga" tenta captar o valor humano dos fatos

[2] Do original: una minuciosa reconstrucción de la epidemia de peste bubónica que asoló la ciudad de Londres en 1965.

relatados. Na elaboração do texto, Defoe utiliza a descrição, os diálogos e a construção e interpretação dos fatos do início ao fim da peste.

No século XIX, surgiu o Realismo Social. Nele, autores como Charles Dickens e Honoré de Balzac, utilizavam contextos sociais reais para escreverem suas obras de ficção. Para criar os fatos dos seus romances e desenvolver seus personagens fictícios, pesquisavam situações verdadeiras para servir de inspiração. Mergulhavam nos dramas sociais reais, vividos por pessoas de carne e osso, entravam nos ambientes que serviriam de inspiração para os cenários de suas histórias.

Ainda no século XIX, Émile Zola e o naturalismo também estreitaram os laços da literatura com o jornalismo. "Zola estava convencido – ou se dizia estar – de que a literatura se aproximaria inevitavelmente da ciência e, ao fazer isso, expulsaria as falsas explicações da vida, com estúpidas motivações misteriosas e sobrenaturais" (BULHÕES, 2007, p.65).

Para escrever "*Germinal"*, de 1885, seu romance mais famoso, Zola trabalhou nas minas de carvão, frequentou o local onde ocorreu uma greve de dois meses, acompanhou o cotidiano dos mineiros e, com isso, traçou um panorama da vida política e social da época. As técnicas de imersão na realidade utilizadas por Zola são as mesmas praticadas pelos repórteres, no jornalismo. Para Marcelo Bulhões (2007), "no século XX, o legado de Zola é reconhecível na prática da grande reportagem e do romance reportagem, sobretudo com as realizações das vertentes do *New Journalism*". (BULHÕES, 2007, p.71)

Seguindo o estilo naturalista, e essa relação entre a literatura e o jornalismo, no Brasil, Aluísio de Azevedo lançou o livro *Casa de Pensão*, em 1884. A obra tem inspiração das páginas de jornal. O autor se apropriou da realidade para escrever seu romance. A "Questão Capistrano" foi a forma como ficou conhecido o crime que sensibilizou o Rio de Janeiro e tomou conta dos jornais de 1876, sendo retratado como uma novela com seus desdobramentos diários. Aluízio de Azevedo utilizou o caso como gancho para o desenvolvimento de sua obra.

Também no século XIX, os literatos se tornaram presença constante nas redações de jornais brasileiros. Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, Raul Pompéia, entre outros, publicavam regularmente nos jornais, que serviam como um ótimo lugar para ganhar dinheiro. Entre as publicações, estavam os folhetins, um formato importado da França, na segunda metade do século XIX. Os folhetins eram um sucesso e alavancavam as vendas dos diários, pois despertava no leitor a curiosidade de saber como a história continuaria na edição seguinte. Os textos utilizavam algumas técnicas, como deixar o clímax para o final sem um desfecho, para que o leitor queira continuar a leitura no dia seguinte, e a retomada de um

resumo da história nas edições, para as pessoas que, por algum motivo, perdessem a leitura de algum dos textos. Prática muito semelhante com a utilizada pelas telenovelas atualmente.

A chamada "Geração de 30", com autores como Érico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, rompeu com as formas conservadoras de literatura, e, assim como no realismo social, volta suas atenções para a realidade. Os romances são obras de ficção, mas podem ser confundidos com acontecimentos do mundo real, tamanha a verossimilhança dos personagens e descrições dos ambientes. Para isso, não deixam de utilizar atributos jornalísticos, como "a necessidade do uso de linguagem com vistas à comunicabilidade geral, expulsando as formas obsoletas e ornamentais do discurso, e a consciência de que apuração e observação constituem o cerne de sua prática" (BULHÕES, 2007, p.133).

A consolidação dos escritores brasileiros na imprensa acontece no século XX. Nomes como Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Antonio Callado, entre outros, "tiveram participação destacada na imprensa, não especificamente como repórteres, mas também como editorialistas, cronistas, editores, críticos e entrevistadores" (DAMÁZIO, 2008, p.11).

Em 1897, Euclides da Cunha foi uma das pessoas enviadas ao nordeste do Brasil para cobrir a Guerra de Canudos. A serviço do jornal *O Estado de São Paulo*, Euclides da Cunha fez uma abordagem completamente diferente dos outros correspondentes. Ele tratou de diversas nuances do movimento, da vida sertaneja, da geografia do local, com escrita própria e diferente dos padrões dos colegas jornalistas. Para Edvaldo Pereira Lima (2014), "os leitores do jornal não sabiam, mas estavam testemunhando a primeira manifestação de jornalismo literário no Brasil" (LIMA, 2014, p.44).

Anos mais tarde, em 1902, é lançado o livro *Os Sertões*. Euclides da Cunha utiliza o período que passou cobrindo a Guerra de Canudos e as anotações que fez no local para lançar a obra, com muita influência naturalista. Dividido em três blocos (A Terra, O Homem e A Luta), *Os Sertões* aproxima ainda mais os laços entre literatura e jornalismo. Isso porque, além da notícia, do fato em si, a obra de Euclides da Cunha possui estética narrativa, análises, descrições de ambientes, perfis de personagens, entre outras marcas do Jornalismo Literário.

A presença de Euclides da Cunha em Canudos, e, mais tarde, de John Reed nas revoluções mexicana e russa, foram, sem dúvidas, importantes para o desenvolvimento da reportagem *in loco*. Porém, como afirma Jonas Lopes (2008), "é provável que nunca chegássemos a essa visão contemporânea do repórter em ação se não fosse Ernest Hemingway" (LOPES, 2008, p. 32). Com experiência em coberturas de guerras, o escritor nascido em 1899, também revolucionou a forma de escrever. Seus textos dispensavam

rodeios, prezando pela simplicidade e indo direto ao ponto. As frases eram curtas e continham apenas o necessário.

Já João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, conhecido como João do Rio, pode ser considerado o primeiro repórter do Brasil. João do Rio saía às ruas, caminhava pelos bairros da cidade, consultava fontes, descrevia ambientes. Com isso, captou o processo de transformações vividas pelo Rio de Janeiro no início do século XX. Suas reportagens publicadas na revista *Kosmos* e na *Gazeta de Notícias* acabaram se transformando em livros.

As reportagens desse período têm "formatos narrativos dinâmicos que apelam para a dramatização dos acontecimentos. Nesse sentido, pode-se dizer que o factual se impregna de apelos consagrados da ficção". (BULHÕES, 2007, p113). O livro *As religiões do Rio*, por exemplo, lançado em 1904, foi um verdadeiro estudo de campo sobre sincretismo religioso, uma polêmica obra que vendeu cerca de oito mil cópias no período de seis anos. Um número elevado para a época. Isso fez com que João do Rio se tornasse "o primeiro escritor de não-ficção popular no Brasil" (LIMA, 2014, p.48).

O sucesso se repetiu em *A alma encantadora das ruas*, de 1908, uma obra em que João do Rio revela os traços do cotidiano carioca. No livro, descreve as ruas, fala das minorias, dos problemas do Rio de Janeiro, de profissões menos conhecidas e de hábitos da vida do povo. Um relato das peculiaridades do dia a dia na capital do Brasil na época.

Outro importante nome da reportagem no Brasil e um dos precursores do Jornalismo Literário no país é Joel Silveira. O jornalista nasceu em 1918 e sua linguagem afiada lhe rendeu o apelido de "a víbora". Um de seus mais famosos livros, *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*, reúne reportagens escritas na década de 40. Elas tratam, em tom ácido e bem humorado, os bastidores da política, a vida das elites, de artistas e intelectuais da época, entre outros assuntos do cotidiano de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A partir dos anos 40, uma série de reportagens e livros-reportagens que traçam as mesmas linhas do movimento que só seria criado nos anos 60, o *New Journalism*, começam a ser publicadas. Depois de um longo período de relações entre o jornalismo e a literatura, as ligações se tornam mais visíveis do que nunca, e as reportagens passam a ter preocupação estética com atributos vindos da literatura e certa humanização até na escolha das pautas e na forma de abordá-las. A realidade começa a ser escrita na forma de ficção pelas mãos de alguns jornalistas.

Um exemplo é *Hiroshima*, considerada a melhor reportagem do século XX. Foi lançada em 1946, e ocupou uma edição inteira da revista *The New Yorker*. Depois, o texto foi lido na íntegra em estações de rádio e publicado em livro. A reportagem reveladora de John

Hersey dá uma cara às vítimas da guerra atingidas pelos bombardeios atômicos. Hersey humaniza os números, que eram apenas dados frios, até então, para a população dos Estados Unidos. Mostra de perto os estragos feitos pelo ataque atômico à Hiroshima, com detalhes e histórias reais de seis pessoas que sobreviveram à bomba. Paralelamente, as histórias dos sobreviventes são contadas, desde o momento do "clarão" que é a explosão da bomba, até os dramas e momentos de pânico vividos após o ataque. Nas versões mais atuais, o jornalista mostra o desfecho dos personagens, após voltar, quarenta anos depois, para reencontrar seus entrevistados.

Joseph Mitchell é outro jornalista que escrevia suas reportagens como se escrevesse ficção. Em 1942, nas páginas da *The New Yorker*, publicou um perfil de Joe Gould, um homem que vivia como um mendigo, mas estava escrevendo uma obra chamada *História Oral do nosso tempo*. O perfilado morreu no ano de 1957, e ninguém encontrou registros da sua famosa obra. No ano de 1964, Mitchell publicou, também na *The New Yorker*, uma reportagem sobre o mistério envolvendo o caso. A reportagem intitulada *O segredo de Joe Gould* virou livro e uma das maiores obras do Jornalismo Literário.

Outro exemplo de Jornalismo Literário anterior ao *New Journalism* é o praticado pela jornalista Lillian Ross. Em 1950, após acompanhar Ernest Hemingway durante dois dias em Nova York, a jornalista publicou, na revista *The New Yorker*, um perfil intitulado *Portrait of Hemingway*. Mais tarde, o perfil foi transformado em livro. Mas foi em 1952 que saiu a primeira, de uma série de cinco edições da mesma revista, contendo a obra mais aclamada de Lillian Ross. *Filme*, que também virou livro mais tarde, é o resultado de um ano e meio de apuração. A jornalista acompanhou cada passo da produção e filmagem de *A glória de um covarde*, um longa-metragem de *Hollywood* baseado no romance de Stephan Crane, que retrata a guerra civil americana. *Filme* possui todos os elementos de um romance de ficção. "Ross fez do diretor Huston, dos produtores Gottfried Reinhardt e Dore Schary, e do chefão da MGM, Louis B. Mayer, seus mocinhos e bandidos" (FRAIA, 2008, p. 64).

Na Argentina, um exemplo de jornalista que utilizou recursos literários em obras de não-ficção é Rodolfo Walsh. Em *Operação Massacre*, publicado em 1957, o jornalista investigativo retrata a prisão de doze homens na noite de 9 de junho de 1956, o fuzilamento desses homens, e a violência do governo que depôs o presidente Juán Domingo Perón. O jornalista descobre um sobrevivente do fuzilamento e inicia seu trabalho de apuração. O resultado final pode ser lido como um romance policial. Por isso, há quem diga que Walsh antecipou *A Sangue Frio*, de Truman Capote e o *New Journalism*. Anos mais tarde, em 2013, os passos de Rodolfo Walsh e as diferentes dimensões do autor foram escritas, através de

entrevistas com pessoas próximas a ele, no livro-reportagem *Estilhaços de Rodolfo Walsh*, do jornalista Iuri Müller. O livro foi originado do seu trabalho de conclusão de curso.

1.2 NEW JOURNALISM: A POPULARIZAÇÃO DO ESTILO

O movimento hippie, paz e amor, a contracultura, a rejeição às guerras, crítica ao conservadorismo, aos padrões do mundo capitalista. A luta pelos direitos dos negros, das mulheres, dos homossexuais. Uma década com espírito revolucionário. Os anos 60 foram transformadores.

Em meio a esses movimentos, expressos com grande força na música, surge também uma reação aos padrões na escrita jornalística. Não existiria período mais simbólico para surgir o *New Journalism*, nos Estados Unidos. Um estilo de escrever que rompe com os padrões engessados de narrar os fatos na imprensa, e dá forma livre e autoral para as publicações dos jornalistas.

Em 1972, o jornalista Tom Wolfe publica uma espécie de manifesto do *New Journalism*. Embora o autor afirme que isso não foi um movimento, é inegável que uma corrente de "novos jornalistas" se formou, e os textos, que aliam jornalismo com a estética literária e liberdade narrativa, começaram a surgir com força na imprensa. "Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade" (WOLFE, 2005, p. 40-41).

O surgimento de reportagens com elementos da narrativa literária é anterior ao *New Journalism*, como já visto anteriormente, nos textos de Joseph Mitchell, John Hersey, Lillian Ross, entre outros. Mas foi a partir do seu surgimento que o estilo ganhou força e, até mesmo, algumas "regras". Ou melhor, algumas técnicas e recursos emprestados dos romances do realismo social, pois como o próprio Tom Wolfe (2005) afirma:

> Neste Novo Jornalismo não há regras sacerdotais; em nenhum caso... Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da terceira pessoa para o ponto de vista da primeira pessoa na mesma cena, ou entrar e sair dos pontos de vista de diferentes personagens, ou até da voz onisciente do narrador para o fluxo de consciência de alguma outra pessoa – [...] – ele simplesmente faz isso. (WOLFE, 2005, p. 57)

Wolfe (2005) aponta quatro recursos para os textos do *New Journalism*. São eles: a construção do texto cena a cena, o registro de diálogos completos, o ponto de vista em terceira

pessoa, ou seja, apresentar as cenas sob o ângulo de diferentes personagens, e o status de vida, que é a descrição de gestos, hábitos, ambientes, roupas, maneiras de se portar e se vestir.

Essas características se encontram, por exemplo, em *A Sangue Frio*, de Truman Capote. Porém, o próprio autor não classificou sua obra como jornalismo, ele preferia colocá-la em um novo gênero: o romance de não-ficção. O livro, lançado em 1966, foi um sucesso e um dos marcos para a popularização do estilo Jornalismo Literário. Antes disso, a história já havia sido publicada pela revista *The New Yorker*, sendo um sucesso de vendas.

Depois de ver uma nota no jornal *The New York Times* sobre o assassinato de uma família inteira na pequena cidade de Holcomb, com menos de 300 habitantes, em 1959, Truman Capote decide ir até o local para escrever sobre o assunto. A partir daí, começa uma exaustiva apuração que durou cinco anos, para desvendar a história do assassinato da família Clutter - o casal mais os dois filhos adolescentes, um menino e uma menina. O romance de não-ficção tem descrições, detalhamentos e grande aprofundamento psicológico nos personagens da história.

O grande sucesso de Capote e uma das obras pioneiras do Jornalismo Literário foi o livro *A Sangue Frio*. Porém, o escritor já era famoso por outras publicações. Na ficção, escreveu *Breakfast at Tyffany's*, em 1958, que, mais tarde, em 1961 ganhou uma adaptação no cinema. No Brasil, ficou conhecido como *Bonequinha de Luxo*. Outro grande texto da carreira de Capote foi *O Duque em seus Domínios*, de 1956, um perfil expositivo e revelador do ator Marlon Brando, que rendeu a inimizade entre os dois.

Outro expoente entre os Jornalistas Literários dessa geração é Gay Talese. Em 1962, o jornalista publicou um perfil chamado *Sinatra has a cold* (Sinatra está resfriado), na revista *Esquire*. Para escrever o artigo, Talese não conseguiu entrevistar Frank Sinatra. Então, teve um longo processo de observação, acompanhamento e entrevistas com pessoas que compõem o universo do ator. O resultado desse trabalho "é um marco do estilo literário aplicado ao jornalismo cultural, uma revolução para a não-ficção" (GIANNETTI, 2008, p.69).

O perfil de Sinatra está presente no livro *Fama e Anonimato* de Gay Talese. Na obra também estão textos sobre Nova York, a construção da ponte Verrazzano-Narrows, além de outros perfis. Entre outras obras aclamadas do jornalista estão *A Mulher do Próximo* (1980) – um amplo panorama dos costumes sexuais das décadas de 60 e 70, incluindo experiências do autor – e *Honra teu Pai* (1971) que vai a fundo no mundo da máfia nos Estados Unidos.

Outra vertente do Jornalismo Literário é o Gonzo. Como afirma Felipe Pena (2006), "o Jornalismo Gonzo é uma versão mais radical do *New Journalism*" (PENA, 2006, p.56). Nesse estilo, o jornalista vive a matéria, é o personagem principal dos fatos. Para Rodrigo

Fresán (2008), no Gonzo “o repórter é a estrela: a notícia é apenas um belo cenário, à espera de seu dono para contá-la” (FRESÁN, 2008, p.59).

O Jornalismo Gonzo está intimamente ligado à figura de Hunter S. Thompson e ao seu estilo de vida. Seu primeiro sucesso foi o livro *Hell’s Angels: Medo e Delírio sobre duas rodas*. Para escrever o livro, Thompson conviveu um ano com o violento grupo de motociclistas, os *Hell’s Angels*, para retratar os detalhes da temível gangue. A obra foi lançada no ano de 1966.

Em 1971, escrevendo para a revista *Rolling Stone*, Hunter S. Thompson publica uma série de artigos que se tornariam sua obra mais conhecida. A pauta era a cobertura da corrida *Mint 400* e uma convenção de drogas, em Las Vegas. Mas Thompson, chamando-se de Raoul Duke na narrativa em primeira pessoa, decide alugar um carro conversível com o dinheiro da revista, e partir com o seu advogado, o Dr. Gonzo, em busca do sonho americano. Eles enchem o porta-malas do carro de diversos tipos de drogas. A pauta inicial aparece apenas como pano de fundo, e os artigos retratam as experiências e sensações com as drogas durante a viagem e a constante busca pelo *American Dream* (Sonho Americano). Depois de serem publicados na *Rolling Stone*, os artigos foram editados no formato de livro, resultando na famosa obra *Medo e Delírio em Las Vegas*. Em 1998, a história foi representada no cinema, por Johnny Depp e Benicio Del Toro, dirigido por Terry Gillian. Hunter S. Thompson incorporou o Gonzo ao seu estilo de vida, seguiu publicando artigos em revistas e teve uma coluna na internet no site da ESPN, sobre futebol americano. No ano de 2005, ele se suicidou.

O Jornalismo Literário também ganhou força no Brasil na década de 60. No ano de 1966, o grupo *O Estado de São Paulo* lançou o *Jornal da Tarde*. No mesmo ano em que o grupo *Abril* lançou a revista *Realidade*. Para Edvaldo Pereira Lima, “ambos os veículos marcam época, como dois oásis do jornalismo literário no Brasil" (LIMA, 2014, p.66).

Entre 1966 e 1968, a revista *Realidade* proporcionou o ápice do jornalismo literário no Brasil. A publicação trazia reportagens de fôlego sobre temas que eram tabus na sociedade, além da consagração do gênero “perfil” no jornalismo. Sergio Vilas Boas (2002) cita algumas características do texto da *Realidade*:

> [...] imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da ás vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS BOAS, 2002, p.24)

A revista *Realidade* deixou de existir no ano de 1976. Outra revista que explorava em seu conteúdo a grande reportagem e uma ligação com a literatura em alguns textos era *O Cruzeiro*, lançada bem antes da *Realidade*, em 1928. A publicação circulou até 1975. Atualmente, a revista brasileira com maior destaque no Jornalismo Literário é a *piauí*, que teve seu lançamento em 2006 e segue em circulação.

2. ALÉM DA NOTÍCIA: O JORNALISMO COM FÔLEGO

No jornalismo diário, escrever um texto de fôlego, encontrar tempo para apurar as informações e espaço para publicar um material longo, é uma tarefa difícil. As informações aparecem, majoritariamente, no formato de notícias, onde "os eventos estarão ordenados não por sua sequência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve" (COIMBRA, 1993, p.10). Assim, o primeiro parágrafo do texto busca responder as questões do chamado *lead:* Quem? Quando? O quê? Onde? Como? Por quê? Para Felipe Pena (2006), "o *lead* é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa" (PENA, 2006, p.14-15). Porém, isso é apenas uma sensação de objetividade, Felipe Pena (2006) ainda afirma que a subjetividade não diminuiu com a essa fórmula que causa a pasteurização, a falta de criatividade, de elegância e de estilo nos textos. "O 'jornalismo objetivo' é uma contradição em termos... Ali, problemas humanos são secundários" (THOMPSON, apud FRESÁN, 2008, p.57).

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2014), esse modelo da pirâmide invertida, com as informações mais importantes no primeiro parágrafo e as "secundárias" sendo apresentadas em seguida, se consagrou durante a Guerra Civil nos Estados Unidos, entre 1861 e 1865. Os correspondentes de guerra enviavam as informações para as redações via telégrafo, e precisavam ser rápidos, para mandarem notícias quentes. Como o custo era elevado para a transmissão de informações muito longas, os jornalistas deviam simplificar seus textos. E, muitas vezes, a linha era perdida e os editores recebiam informações incompletas. Por isso, convencionou-se colocar o que for considerado mais importante no primeiro parágrafo do texto, e na sequência as demais informações por ordem de relevância. Assim, os editores saberiam o principal da notícia caso o contato fosse perdido. Em seguida, o modelo se popularizou pelo mundo. Para Marcelo Bulhões (2007), essa padronização do formato da notícia está diretamente ligado a sua natureza:

> A natureza essencialmente pragmática e utilitarista do jornalismo aponta para uma realização formal que atende a necessidades muito prementes de eficácia comunicativa, identificadas com demandas por informação ou opinião provenientes do interesse do grande público. Daí a tendência à fossilização formal dos gêneros, à padronização de seus traços, ao aspecto viciado e repetitivo de sua fisionomia textual. (BULHÕES, 2007, p.39)

Porém, foi, ao mesmo tempo, na guerra que o *lead* começou a ser posto em dúvida e passou a encontrar dissidentes. Como afirma Edvaldo Pereira Lima (2014), a guerra vai além de fatos frios, objetivos e de números. O jornalista que conta uma guerra deve narrar ao leitor o caos, os medos, os cenários, a destruição. "O texto que não apenas conta educadamente um evento, mas lança o leitor direto para dentro da experiência, para a intensidade dramática das coisas" (LIMA, 2014, p.37).

Na guerra civil norte-americana, poucos jornalistas utilizaram as formas narrativas que levavam a atmosfera da guerra aos leitores, fora das regras do *lead*. "Mas os pioneiros abriram caminho e geraram precedentes. Terminada a guerra, jornais, editores e autores passaram a experimentar essas inovações para contar outras histórias" (LIMA, 2014, p.40).

Em solo brasileiro, pode-se considerar Euclides da Cunha como pioneiro de prática parecida, também em uma cobertura de guerra, a de Canudos. Em 1897, ele apresentou o cenário da guerra trabalhando como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*.

A ampliação da notícia, com maior liberdade narrativa é chamada de reportagem. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), "a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia". (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.75)

A reportagem dá mais tempo de apuração e espaço para os textos. Embora apareça no jornalismo diário, é mais frequente em revistas semanais ou mensais, onde o repórter pode consultar mais fontes, pensar na estética do texto e trabalhar bem a escrita. Existem algumas maneiras de fugir dos padrões da notícia, do jornalismo "objetivo". "Sair da convencional abertura informativa, em busca de estilo mais literário, pode ser uma alternativa para interessar o leitor" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.68). Para Marcelo Bulhões (2007), "a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado" (BULHÕES, 2007, p.45).

Em uma reportagem, para Ricardo Kotscho (1995), é impossível criar fórmulas científicas e padrões para a sua escrita, o autor afirma que todas as histórias são diferentes e merecem tratamento único. Kotscho (1995) ainda fala da importância da imersão nos casos que estão sendo apurados, "o repórter que não for capaz de se emocionar, de chorar e se alegrar junto com os personagens de quem fala, jamais conseguirá transmitir ao leitor a realidade que encontrou" (KOTSCHO, 1995, p. 58).

As reportagens não devem seguir padrões pré-estabelecidos. Elas devem captar o leitor, apresentar o tema de forma atrativa e plural, mostrando as diversas faces que a pauta pode assumir. Embora não tenha fórmulas concretas, específicas, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) apresentam algumas características da reportagem, que são: a predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados. Os autores ainda chamam a reportagem de "conto jornalístico", pois ela é "um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como "interesse humano"" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

A Reportagem deve ser apurada na rua. O repórter deve ter a pauta em mente e sair em busca das informações. Acompanhar os fatos, vivenciar, conversar com pessoas cara a cara, sentir os momentos que serão relatados, ter a experiência para depois poder contar ao leitor com autoridade. Um texto sem ir até o local do acontecimento, apurado apenas pelo telefone ou pela internet, é um texto frio, sem vida. Fica difícil transmitir ao leitor as sensações sem senti-las. Para Ricardo Kotscho (1995), o jornalista deve "colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo" (KOTSCHO, 1995, p.16). Essa foi a fórmula que consagrou João do Rio, como mostra Marcelo Bulhões:

> João do Rio teria sido o primeiro cronista brasileiro a sair do espaço da redação jornalística para ir ao palco dos acontecimentos apurar a informação. Ao fazer isso, João do Rio teria ativado o processo decisivo que transformou a crônica em reportagem, tornando a presença física do repórter no local do acontecimento a condição indispensável para a construção do texto jornalístico. (BULHÕES, 2007, p. 107-108)

A revista *Time*, lançada em 1923, criou o conceito de revista semanal de publicação de notícias. Para Marcelo Bulhões (2007), a *Time* foi um marco para a chamada Grande Reportagem, e acabou servindo como modelo para diversas outras publicações que viriam posteriormente.

A Grande Reportagem dá fôlego para o trabalho jornalístico. Nela, é possível entrar a fundo nos fatos, realizar a apuração necessária para a matéria, "oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia" (LIMA, 2009, p.18).

Outro exemplo de espaço para a prática da Grande Reportagem foi a revista *The New Yorker*, tendo a sua primeira edição lançada em 21 de fevereiro de 1925. Foi o veículo que publicou reportagens como *Hirsoshima*, de John Hersey e *A Sangue Frio*, de Truman Capote.

A publicação segue ativa, e tem uma periodicidade de 47 edições por ano, sendo algumas quinzenais e outras semanais.

No Brasil, o principal expoente da Grande Reportagem foi a revista *Realidade*. Lançada em 1966, pela Editora Abril, a *Realidade* trazia reportagens que abordavam assuntos que eram tabus na época. Como mostra Marcelo Bulhões (2007):

> Nas páginas de *Realidade* transparece um ímpeto de desbravar realidades recônditas, um arrojo que se interessa por explorar facetas regionais problemáticas do Brasil (latifúndio, seca, questão agrária) e discutir temas desconfortáveis para certos padrões de moral (liberdade sexual, aborto, homossexualidade, prostituição). (BULHÕES, 2007, p.143)

A abordagem desses temas nas grandes reportagens com imersão nas histórias, que levam os leitores para dentro dos ambientes, e a liberdade de escrita e de assuntos, acabou em 1968, encerrando a melhor fase da revista. Isso por causa do AI-5, instaurado no Brasil que vivia um regime de ditadura civil-militar. O Ato Institucional decretou a censura prévia nas publicações, que foram perdendo o caráter de denúncia. Com o tempo, a *Realidade* foi perdendo suas características tradicionais, até terminar, em 1976.

2.2. PERFIL: A PESSOA EM FOCO

Outro exemplo de gênero que permite um texto mais trabalhado no jornalismo é o perfil. Nele, o personagem central é retratado, de forma menos complexa do que em uma biografia, mas com nuances de sua vida, características, hábitos, histórias, entre outros pontos. “Enquanto um biógrafo se detém em um extenso conjunto de inputs, o autor de um perfil se concentra em apenas alguns aspectos do personagem central” (VILAS BOAS, 2008, p.38). É como um retrato do momento do perfilado. Podendo ter idas ao passado durante a narrativa e a volta para o tempo presente. Sergio Vilas Boas (2003) traça mais algumas diferenças entre perfil e biografia.

> Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

Alguns jornalistas descrevem o momento do encontro com o personagem e, a partir daí, traçam o perfil, entrando junto na história. Outros preferem certo distanciamento. O perfil

individualiza as histórias, humaniza os relatos. Trata das singularidades do ser humano. O todo, o contexto, está inserido em uma história de vida, em um momento – ou momentos – do personagem escolhido. E o perfil também costuma a se apropriar da literatura nas técnicas de escrita, pois exige um texto com mais requinte e estilo, pois uma vida não pode ser descrita em fatos frios e números. Para Sergio Vilas Boas (2003) "perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza" (VILAS BOAS, 2003, p.12).

Embora Ricardo Kotscho (1995) afirme que "o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade" (KOTSCHO, 1995, p.42), Sergio Vilas Boas (2008) diz que "cada perfil só pode ser sobre um ser humano" (VILAS BOAS, 2008, p.38). O perfil deve ser sobre uma pessoa determinada, quando o texto trata de um prédio, de uma cidade, de uma época, ou algo do tipo, ele não deixa de ser feito por pessoas, pois são elas quem construíram estes locais. Porém, o texto perde um pouco da característica do perfil, e passa a ser uma reportagem contendo o que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) chamam de miniperfil:

> [...] nem sempre a reportagem por inteiro é um retrato só de um personagem. [...] existe o miniperfil, às vezes inserido em todo tipo de reportagem. Nesse caso como o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados, os personagens são secundários: o relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma de narrativa ou de uma curta entrevista. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.139)

O perfil começou a se popularizar no jornalismo com a revista *The New Yorker* e a contratação do jornalista Joseph Mitchell, no ano de 1938. Mitchell "escreveu centenas de textos cujos temas não se restringiram a gente do *showbiz*. Ele perfilou também estivadores, índios, operários, pescadores e agricultores" (VILAS BOAS, 2002, p. 94). Com isso, aconteceu uma evolução no gênero e foi provado que pessoas "comuns" também têm histórias de vida que merecem ser contadas. Ele fugiu dos padrões e clichês de que o interesse público era apenas na vida de celebridades e focou seu trabalho também nas pessoas que constroem o cotidiano das cidades.

Segundo Sergio Vilas Boas (2008), os perfis começaram a aparecer em diversas publicações americanas como as revistas *The New Yorker*, *Esquire*, *Vanity Fair*, *Harper's*, *Atlantic*, entre outras. E, no Brasil, nas revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*. Atualmente, a revista *piauí*, de jornalismo literário, também investe no gênero.

A apuração de um perfil é uma atividade complexa, requer paciência, atenção e habilidade na hora das entrevistas e da escrita do texto. Os perfis geralmente são de pessoas vivas, por isso o contato com o perfilado é fundamental.

> Em vez de formular hipóteses, entre no mundo da pessoa, sem preconceitos; conheça-a em suas grandezas, fraquezas e rotinas; capte sua visão de mundo e suas marcas de temperamento. Não fique preso a abstrações (dados curriculares, números, performances). Mais importantes é o que os personagens e seus convivas exprimem de dentro para fora. (VILAS BOAS, 2008, p. 41)

Apesar disso, um dos mais famosos perfis já publicados foi de encontro a essa corrente na forma de apuração. Para escrever *Sinatra Has a Cold* (Sinatra está resfriado), que saiu na revista *Esquire*, em 1966, o jornalista Gay Talese não conseguiu trocar nenhuma palavra com o cantor Frank Sinatra, que recusou a entrevista. Mesmo assim, Talese frequentou os mesmos lugares que Sinatra, conversou com as pessoas do convívio do cantor, observou os detalhes, entrou no mundo do perfilado e o resultado é um dos textos mais lembrados, até hoje, quando se fala em perfil.

Portanto, viver o cotidiano do personagem e extrair os pensamentos, hábitos e ideais de cada um, sem ideias pré-formadas, é um bom começo para escrever um perfil de qualidade. Depois, é preciso trabalhar bem o texto e a forma de apresentar o perfilado ao leitor, retratando os detalhes que o caracterizam, fugindo dos dados frios do jornalismo convencional.

3. PARA A POSTERIDADE: O JORNALISMO NO FORMATO DE LIVRO

Grandes reportagens, que ultrapassam as barreiras da periodicidade do jornalismo diário e alcançam o caráter duradouro da literatura no formato de livro, formam o chamado livro-reportagem, ou romance de não ficção. Eles reúnem textos primorosos do trabalho de algum jornalista, eternizado nas páginas do livro, ou ainda uma única grande investigação, uma reportagem que ocupa todas as suas páginas. Ela pode ter sido publicada em algum outro veículo antes - ocupando uma edição inteira ou segmentada nas edições - ou ainda ter sido escrita exclusivamente para o formato de livro. Edvaldo Pereira Lima (2009) conceitua o livro-reportagem como "o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos" (LIMA, 2009, p.26). Nas páginas de livros, o jornalismo tem caráter duradouro e se aproxima da literatura, de acordo com Marcelo Bulhões (2007):

> [...] o jornal carrega inapelavelmente a terrível limitação da efemeridade. Sua condição é a fugacidade e ele possui como que uma vocação para o esquecimento. Ao contrário disso, o destino de toda grande realização literária seria a perpetuidade. Assim, ao buscar aproximar-se da literatura, o jornalismo parece ensaiar uma tentativa de resistir à possibilidade iminente do perecimento. Nesse movimento, o jornalismo de tradição textual foi suplantando o espaço efêmero e frágil da página do jornal diário, chegando a ocupar o formato do livro. (BULHÕES, 2007, p.192)

No livro-reportagem, o jornalista pode imprimir suas marcas pessoais, sem estar submetido às linhas editoriais dos veículos de comunicação. Além de poder desenvolver o texto no espaço que julgar necessário e dispor de um tempo sem *deadlines* para a apuração das informações com que irá trabalhar, "permite uma dose ponderável de liberdade para escapar às limitações (tempo, espaço, fórmulas de redação, ideologias, interesses comerciais, restrições logísticas etc.) do jornalismo periódico". (VILAS BOAS, 2002, p.78). Edvaldo Pereira Lima (2009) elenca essas liberdades em tópicos: liberdade temática; liberdade de angulação; liberdade de fontes; liberdade temporal; liberdade do eixo de abordagem e liberdade de propósito.

Por ter essas liberdades, os autores de livro-reportagem utilizam, muitas vezes, o estilo Jornalismo Literário na elaboração dos textos. A estética oriunda da literatura permite transformar a leitura da obra de não ficção em uma leitura semelhante à de um romance, atrativa para o leitor, cativante, que prende a atenção e humaniza os relatos, diferente do jornalismo convencional, com padrões de escrita engessados e pré-estabelecidos:

> Em um tempo de extrema mecanização do ofício jornalístico, em uma fase em que o repórter parece ficar cada vez mais estático, amarrado à sala de redação, sem contato direto com a seiva do cotidiano, tal tendência de um jornalismo de livros soa como um caminho que afirma atributos essenciais da vivência jornalística, ao mesmo tempo que não esconde o tributo que deve à literatura. Esse parece ser um cenário em que mais uma vez o jornalismo e literatura acertam seus passos. E as convergências se renovam (BULHÕES, 2007, p. 202).

Porém, Edvaldo Pereira Lima (2009) ressalta as diferenças entre o livro-reportagem e as outras publicações classificadas como livro. As condições para que a publicação seja classificada como livro-reportagem e os pontos de diferenciação são definidos pelo conteúdo, que deve tratar de fatos reais; pelo tratamento, que deve ser eminentemente jornalístico; e pela função, cujas finalidades se desdobram dos objetivos fundamentais do jornalismo de informar, orientar e explicar.

O livro-reportagem permite uma concepção de mundo elaborada através da história real narrada, com detalhamentos e contextualizações que permitem ao leitor, de forma cativante, conhecer um panorama muito maior, que engloba o assunto específico da publicação. O livro-reportagem "sugere que o indivíduo se estenda, percebendo desdobramentos de aspectos do seu universo particular transmutados no universo coletivo. É também uma proposta de autodescoberta do Eu naquilo que tem de porção coletiva do Nós" (LIMA apud VILAS BOAS, 2002, p.47).

Muitos jornalistas se consagraram com a publicação de livros-reportagem de sucesso. Nos Estados Unidos, John Reed, Gay Talese, Norman Mailer, John Hersey, Lillian Ross, Truman Capote, Joseph Mitchell, Hunter S. Thompson, Tom Wolfe, entre outros. Em outros lugares do mundo, vale destacar Rodolfo Walsh, na Argentina, Ryszard Kapuściński, nascido na Bielorrússia, além da vencedora do prêmio Nobel de literatura de 2015, a bielorrussa Svetlana Alexievich.

No Brasil, um dos maiores expoentes do gênero e também precursor é Euclides da Cunha. Depois da cobertura, que começou em 1897, da Guerra de Canudos, para o jornal *O Estado de S. Paulo*, o livro *Os Sertões* foi publicado, no ano de 1902. Anos depois, reportagens de nomes como João do Rio e Joel Silveira também foram editadas no formato de livro.

Os jornalistas brasileiros seguem apostando no formato para suas publicações. Alguns outros exemplos de livros-reportagem publicados no Brasil são: *Rota 66 – A história da polícia que mata* e *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta*, ambos de Caco Barcellos; *Narcoditadura*, de Percival de Souza; e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, entre muitos outros livros-reportagem lançados no país.

Edvaldo Pereira Lima (2009) propõe uma classificação quanto ao estilo do livro-reportagem. É difícil classificar uma publicação em apenas uma dessas categorias, pela complexidade e variedade das obras. O livro-reportagem desse trabalho, por exemplo, apresenta traços de mais de uma dessas categorizações.

Entre elas, podemos destacar: o *livro-reportagem-depoimento*, pois utiliza a visão de um participante dos fatos, uma testemunha privilegiada, para reconstituir os acontecimentos. Isso, pela forma de apuração do material, baseada, principalmente, em relatos de ex-jogadores, dirigentes, presidentes e torcedores, que viveram o cotidiano do Esporte Clube Franciscano e acompanharam de perto os fatos narrados.

Também podemos citar o *livro-reportagem-retrato*, que focaliza "uma região geográfica, um setor da sociedade, um seguimento de atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão" (LIMA, 2009, p.53), pois o foco do livro, o objeto em questão é um clube de futebol, uma parte da comunidade. O retrato do time é o tema central do produto, que é construído a partir da vida das pessoas e dos relatos e histórias de cada indivíduo.

Outra categoria que merece destaque é a de *livro-reportagem-história*, que aborda um assunto do passado, recente ou distante, e o conecta com o presente. Essa é exatamente a proposta do livro, apresentar histórias de diferentes épocas do clube, até os momentos atuais, porém, em relatos humanizados, priorizando os acontecimentos e sentimentos de cada ser humano, ao invés dos fatos frios de números e datas exatas que uma pesquisa com caráter mais histórico exigiria.

Além disso, existe o *livro-reportagem-atualidade*, que trata de um tema que ainda não terminou, "permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro" (LIMA, 2009, p.56). O livro, além de contextualizar o clube no contexto social que está inserido, desde um desenho e histórico da cidade de Dona Francisca, buscar trazer informações desde a sua fundação, passando por diferentes épocas, até traços da situação atual.

Entre outras categorias, cabe ainda destacar o *livro-reportagem-biografia*, uma variação do *livro-reportagem-perfil*, em que o foco é a vida, o passado e a carreira de uma pessoa. Neste caso, o foco é a vida de várias pessoas, que, unidas, as carreiras e o passado de cada indivíduo formam a biografia da instituição Esporte Clube Franciscano.

3.1 BIOGRAFIA: HISTÓRIA (S) DE VIDA (S)

Desde a Antiguidade, o interesse das pessoas pela vida alheia é grande. O filósofo Plutarco, por exemplo, traçava biografias de imperadores romanos em seus trabalhos. A vida do outro causa empatia, admiração, identificação, curiosidade, por parte de quem procura uma biografia, que é a "compilação de uma (ou várias) vida (s)" (VILAS BOAS, 2002, p.18). Geralmente, elas ocupam lugar destacado nas livrarias e possuem grande busca dos leitores, interessados em histórias de vida. Para Sergio Vilas Boas (2002), "o interesse do leitor demonstra que o indivíduo tem importância, o que significa restaurar, nesta complexa era digital, o ser humano preso na vasta rede de forças impessoais que estão além de seu controle." (VILAS BOAS, 2002, p.37)

Felipe Pena (2006) acredita que a "biografia é uma mistura de Jornalismo, Literatura e História" (PENA, 2006, p.70). Além disso, Sergio Vilas Boas (2002) ainda cita a Psicologia e a Sociologia como áreas que emprestam suas ferramentas para a construção da biografia. No Brasil, foi na virada dos anos 80 para os anos 90, como afirma José Castello (2008) que "o poder de biografar foi transferido das mãos frias dos historiadores para as mãos mais ardentes dos jornalistas" (CASTELLO, 2008, p. 46). Isso tornou os livros mais sedutores para o público, aumentou o consumo de biografias, com um texto humanizado, atraente, cativante, que desperta o interesse, a curiosidade e instiga o leitor. Em suma, a biografia transformou vidas reais em espécies de romances.

Porém, a verdade e a recriação dos fatos de uma vida inteira é uma utopia. A biografia é uma seleção do biógrafo. Por mais que o autor tente se omitir do texto, seus pontos de vista e escolhas estão intrínsecas na escrita. Várias biografias diferentes podem ser escritas de uma mesma pessoa, e, mesmo assim, a verdade absoluta nunca será atingida, tudo o que estiver no papel vai ser apenas uma narrativa construída pelo autor, como afirma Sergio Vilas Boas (2002):

> Biografia é uma narrativa de eventos: todo o restante resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver os eventos. A literatura e o jornalismo também não os fazem ressurgir; o vivido, tal como salta das mãos do historiador, do jornalista literário ou do ficcionista, não é o dos atores envolvidos nos eventos, mas a vida dentro da narração. (VILAS BOAS, 2002, p. 68)

Além disso, por mais que o biógrafo realize centenas de entrevistas, possua incontáveis horas de gravações, pilhas de anotações e documentos, sempre haverá lacunas na história. A narrativa de uma vida é muito complexa e profunda para que se tenha acesso a

todos os detalhes. O objetivo principal é a verossimilhança. Por isso, para reconstruir algumas histórias, o biógrafo precisa usar a imaginação, que é diferente da mentira, como mostra José Castello (2008):

> A partir do momento em que colocam em marcha a máquina de biografar, biógrafos esbarram em hiatos, em furos, em grossas nuvens de segredos. Vazios que, quase sempre sem se dar conta disso, eles preenchem com a imaginação. Muitos confundem a imaginação (a faculdade humana de representar imagens, de produzir fantasias) com a mentira (a arte do engano, da impostura, da fraude). A mentira é uma estratégia para encobrir a verdade. Deseja substituí-la. Ao contrário, a imaginação é um outro caminho, mais secreto, mais pessoal, de acesso à verdade. Não deseja substituí-la, mas evocá-la (CASTELLO, 2008, p. 48).

No Brasil, vários biógrafos ganharam prestígio pelas obras publicadas. Todas elas são resultado de exaustivos processos de apuração. Cada biografia leva anos para ser finalizada. Entre esses biógrafos, podemos destacar alguns exemplos, como Ruy Castro, que biografou Garrincha, em *Estrela Solitária*; Carmen Miranda, em *Carmen: Uma Biografia*; e Nelson Rodrigues, em *O Anjo Pornográfico*. Outro importante biógrafo do país é Fernando Morais, que escreveu as histórias de Olga Benário em *Olga*; de Assis Chateaubriand em *Chatô, o Rei do Brasil*; e de Paulo Coelho em *O Mago*. Além desses, vale também destacar Lira Neto, que biografou Getúlio Vargas, em uma trilogia: *Getúlio – Dos anos de formação à conquista do poder*, *Getúlio – Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*, e *Getúlio – Da volta pela consagração popular ao suicídio*. Além disso, Lira Neto também escreveu sobre a cantora Maysa, em *Maysa: Só numa multidão de amores*; entre outras biografias.

4. PRODUTO EXPERIMENTAL

O livro-reportagem “Franciscanos: Uma história de amadores” encontra-se em arquivo separado.

5. ANÁLISE DO PRODUTO

O objeto para a construção do livro-reportagem foi escolhido devido a forte ligação que tenho com o futebol. Em especial, com o futebol amador e o Esporte Clube Franciscano. Escuto as histórias do meu pai, que foi jogador do time, desde pequeno. Também acompanhei jogos em viagens pelo estado e no Estádio Municipal Colosso do Jacuí. Além disso, sempre fiquei impressionado com a paixão e o saudosismo de grande parcela da comunidade quando o assunto é o futebol do passado da cidade e o Franciscano. Sempre que o tema entra nas rodas de conversas, elas se estendem por horas, tamanha a quantidade de histórias e apreço. Sem contar que, provavelmente, alguém irá se emocionar ao relembrar os fatos.

A escolha do formato de livro-reportagem, e de fazer uma espécie de biografia do clube, se deu pela vontade de praticar o jornalismo em uma plataforma diferente do que eu estava habituado, com espaço e liberdade para contar as histórias. O livro possibilita mostrar as diversas facetas do clube, contar diferentes histórias de diferentes segmentos que compõem um time de futebol amador. Já a opção pelo estilo Jornalismo Literário foi por se tratar de uma história feita por seres humanos, com grande significado para seus agentes – e também para mim – e que merece um tratamento mais pessoal na escrita. Sendo assim, o Jornalismo Literário humaniza o relato e possibilita narrar os fatos de uma forma mais justa à paixão dessas pessoas, mostrando em cenas, diálogos, descrições, as nuances de cada personagem e de cada fato relatado.

Para a elaboração do livro foram feitas várias entrevistas em conversas sem o uso de gravador. Além delas, foram realizadas outras dezessete entrevistas gravadas, totalizando cerca de 15 horas de gravação. Os demais documentos sobre o Esporte Clube Franciscano são escassos. Para auxiliar na elaboração do produto, foram utilizados um livro de atas, algumas matérias de jornal, fotos e um DVD. Assim, as entrevistas foram a maior fonte de pesquisa do trabalho. A principal metodologia para a realização das conversas com as pessoas que aceitaram colaborar com o projeto foi a História Oral, um recurso a mais para se somar às outras fontes, que utiliza o gravador e o depoimento tem o mínimo de intervenção possível do jornalista, que apenas estimula a fala do outro e guia os tópicos que interessam, sem interrupções ou confrontos.

A maior parcela dos praticantes de futebol está distante do glamour presente nos grandes clubes e dos altos salários. E, ainda, existe o futebol amador, que é feito com o mínimo de recursos, longe da mídia, onde os apaixonados pelo esporte se sacrificam, com trabalho e dinheiro próprio, para ver o time da cidade ou do bairro em ação. E a História Oral

busca contemplar, principalmente, esses grupos esquecidos, de certa forma, pela história oficial. Quando se fala em futebol, dificilmente se vê algo sobre o time amador de uma pequena comunidade.

> [...] vendo a história oral como uma manifestação ligada àqueles "que não tem história oficializada" (aos grupos que ainda não ganharam reconhecimento, registros sistemáticos, análise nas histórias escritas), muitos autores reconhecem a história oral como a via de compromisso para saldar tal dívida (BOM MEIHY, 2005 p.117).

Ao acompanhar o esforço dos franciscanos com o time e todas as histórias, percebi o quanto isso significou e ainda significa na vida de cada pessoa. Porém, nada disso estava registrado em nenhum lugar. Em 2012, ao ouvir muitas dessas histórias em um programa de rádio que eu apresentava em Dona Francisca, na Franciscana FM, me senti na obrigação de fazer algo para que as histórias do clube não fossem esquecidas com o tempo e, ali mesmo, ao vivo, prometi que um dia escreveria algo sobre o time. Com a realização desse trabalho, espero estar cumprindo essa promessa, à altura da paixão da comunidade com o Franciscano. O resultado é uma narrativa que busca a construção de diferentes aspectos da equipe baseado nos depoimentos de pessoas que jogaram, foram presidentes, diretores, torcedores, ou estiveram, de alguma forma, relacionados com o clube.

> Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não o os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reditas carregam diferenças significativas. (BOM MEIHY,2005, p.56)

Essa impossibilidade de narrar a verdade, por todo o discurso ser, na verdade, uma seleção de fatos, com determinado ponto de vista e a distância temporal do fato lembrado causar deturpações na narrativa, como a grande incompatibilidade e imprecisão de datas, por exemplo, foram fatores determinantes que dificultaram a execução do projeto. Por isso, foram ouvidas várias fontes sobre as mesmas histórias, procuradas fotos e registros em atas ou jornais, para conseguir a maior precisão possível nos fatos, embora seja utópico alcançar uma verdade absoluta. Como afirma Castello (2008), "não basta ouvir e ouvir, não basta apurar e apurar, não basta investigar e investigar, para dominar a verdade. A verdade ultrapassa as possibilidades humanas. Mais que um destino, ela é uma utopia. E como toda utopia, seu culto pode tanto fortalecer, como paralisar" (CASTELLO, 2008, p. 49).

Felipe Pena (2006) diz que o máximo que um biógrafo pode oferecer ao seu leitor é um efeito sobre o real e que a memória, quando acionada, também acaba se tornando um

discurso. Os momentos vividos não podem ser regatados tal e qual aconteceram. E isso é característico do Jornalismo Literário. “Os conceitos de realidade e ficção não são absolutos. [...] Jornalismo Literário não se baseia na veracidade, mas sim na verossimilhança, ou seja, na mimetização da realidade” (PENA, 2006, p. 103).

E, embora a apuração seja baseada majoritariamente em depoimentos de pessoas que estão sujeitos a diversos tipos de questionamentos, imprecisões e deformações, Bom Meihy afirma que “a objetividade reclamada da história oral é a mesma que deve ser cobrada de qualquer outro documento escrito, pois limitações idênticas permeiam a produção de documentos oficiais” (BOM MEIHY, 2005 p.54). Um jornal, um documento, um vídeo, um livro, uma ata, todo o material de pesquisa foram, também, produzidos por seres humanos e submetidos às mesmas seleções e pontos de vista de um depoimento gravado.

Quanto à formatação do livro-reportagem, que constitui, de certa forma, a biografia do Esporte Clube Franciscano ao agrupar várias histórias de vida com o mesmo tema, a opção foi por não aderir a um modelo cronológico. Sergio Vilas Boas afirma que, nas biografias, “o que fica mais visível como padrão é ideia de uma cronologia de vida expressa pelos calendários das respectivas épocas, antigas ou modernas” (VILAS BOAS, 2002, p.34). Porém Felipe Pena (2006) contesta esse modelo.

> O relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma cronológica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente. É o que o professor francês Pierre Bourdieu chama de ilusão biográfica, aquela que trata a história de uma vida como “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção”. (PENA, 2006, p. 72)

O livro-reportagem “Franciscanos: Uma História de Amadores” vai de encontro ao modelo cronológico e se assemelha ao que Felipe Pena (2006) chama de “biografia sem fim”. O trabalho busca dividir a história em capítulos temáticos, e não cronológicos. Um fato atual do clube pode aparecer antes do que uma história da década de 80, por exemplo, dependendo do eixo de abordagem do capítulo.

Foram seis eixos escolhidos para serem desvendados através dos capítulos. “A Viagem da Bola” busca introduzir os principais pontos do livro, a história do futebol, de Dona Francisca e do Esporte Clube Franciscano. Depois, “Dia de Jogo” leva o leitor para o passado, no antigo campo onde eram realizadas as partidas, com os personagens marcantes e quatro perfis de ex-jogadores. Em “Os Injustiçados”, as histórias de quatro treinadores são contadas, passando pela fase atual do clube, já no terceiro capítulo. “O Futebol Jogado Fora de Campo”

mostra os bastidores do mundo da bola e que, muitas vezes, não é apenas dentro das quatro linhas que se ganha uma partida, com fatos vividos por dirigentes e presidentes do clube. “O nascimento de um rival” traça um panorama da grande rivalidade que se formou em Dona Francisca quando um grupo de meninos decidiu se desligar do Franciscano e formar um novo time que, com o tempo, também se tornou grande e respeitado na região. E, por fim, “O Apogeu e a Queda” fala do período das maiores glórias do time, da segunda metade dos 80 até meados dos anos 90, durante as disputas dos Campeonatos Estaduais de Futebol Amador, em que o clube chegou, por duas ocasiões, na segunda colocação. O último capítulo também aborda a posterior decadência da equipe. Os capítulos não possuem grande preocupação e nem coerência cronológica, embora sempre situe o leitor no tempo. A principal definição do agrupamento de histórias em cada um deles é o tema que abordam.

Outro ponto de análise é o tempo dos acontecimentos. Na maioria dos casos, os verbos estão no tempo presente, embora sejam histórias do passado. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) abordam essa presentificação das ações e a reconstituição dos fatos como se estivessem ocorrendo no momento. “A aproximação com o leitor é maior, na medida em que se pode acompanhar o desenrolar dos acontecimentos quase como testemunha. Esse tipo relato se apoia na ação e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos, realizando-os para o leitor” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.21). Por exemplo, no jogo entre Franciscano e Guarani:

> O sol brilha forte no município de Nova Palma. É domingo de decisão. Centenas de torcedores se agrupam na arquibancada e ao redor do estádio Padre Burman. O foguetório ensurdecedor explode no céu azul sobre as verdes elevações do relevo da Quarta Colônia. Os jogadores do Guarani entram em campo. Mais foguetes. Euforia na torcida (p. 129).

O livro-reportagem também serviu como experimento para diferentes formas de narrar o texto. O “narrador testemunha”, proposto por Osvaldo Coimbra (1993), em que o narrador é um personagem secundário dos fatos aparece no texto sobre o treinador Zeca Chelotti.

> Ao lado do grande portão amarelado, apenas a imensidão dos muros pintados de branco. Mas, em meio a toda aquela parede, tem um pequeno buraco. Um furinho feito pelos meninos que apoiam os pés ali e escalam o muro do estádio para jogar bola nas tardes ensolaradas de Dona Francisca. Meu amigo, que estava conosco, utiliza a técnica e sobe para ver de cima. Meu primo desiste de acompanhar a decisão. Eu e Horse dividimos a visão propiciada pelo buraco. Dali, mesmo com miopia, vejo o último pênalti ser desperdiçado por Ivorá e os jogadores vestindo verde, de Dona Francisca, correndo para comemorar o título (p. 68).

Já o “narrador protagonista” dá ênfase aos próprios sentimentos e pensamentos do narrador. Nesse estilo, “o próprio repórter torna-se o centro do acontecimento que cobre, e portanto, a melhor fonte de informação” (COIMBRA, 1993, p.47).

> A música “*Someday*” dos Strokes começa a infernizar minha vida às sete e meia da manhã. SETE E MEIA. Do domingo. Isso é justo? Toda santa manhã é a mesma coisa: começam aquelas batidas na bateria e logo entra o som da guitarra irritante perturbando meu sossego. Aaargh! Eu até gostava da música. Mas tive a infeliz ideia de escolher para ser o hit que me acorda todos os dias (p. 66).

O “narrador onisciente” sabe de todos os acontecimentos da história. Além disso, conhece os pensamentos dos personagens envolvidos.

> A chuva cai lá fora. O frio congela quem ousa sair pelas ruas. A enchente no Rio Jacuí deixa o pequeno município de Dona Francisca praticamente ilhado. O presidente do Franciscano, Dirceu Marzari, está trancafiado em seu escritório. Três longas horas se passaram. O telefone sempre grudado no ouvido. Tenta contato com o presidente do time da Ferroviária, que está na cidade de Santa Maria. Sem sucesso. O mal tempo acabou com o sinal da ligação. O que fazer? Pensa, pensa e pensa. Opa, chamando! Dessa vez o número ligado é o da Rádio Imembuí, da terra do adversário (p. 92).

Coimbra (1993) ainda cita o “modo dramático”. Nessa forma, o narrador informa as ações e falas do personagem, em uma sucessão de cenas.

> Após o torneio, ouve-se o ronco forte de uma caminhonete se aproximando do local. O carro estaciona perto dos meninos que ainda comemoram a vitória. É o zagueiro do Esporte Clube Franciscano, João Chelotti. O clube tem jogo mais tarde contra o Imperial, de Santos Anjos.
> - Se vocês forem comigo, seis jogadores do Rio Negro jogam de titulares na equipe principal do Franciscano hoje – garante João.
> - E o resto do time? – pergunta um dos garotos.
> - Os outros vão jogar no time B do Franciscano até ganharem experiência – afirma João (p.45).

Os diferentes tipos de narrador proporcionam uma maior experimentação e desenvolvimento de diferentes técnicas narrativas ao longo do projeto. Devido à extensão de um livro-reportagem, as trocas de forma de narrar podem ser uma forma de prender o leitor, através de diversos estilos encontrados ao longo do texto. Acompanhar os personagens de longe, de perto, de dentro dos pensamentos, e até o relato do próprio personagem, são formas de diversificar os formatos da história.

4.1 OS QUATRO RECURSOS DE TOM WOLFE

Para se enquadrar no estilo Jornalismo Literário, o livro-reportagem buscou seguir os quatro recursos propostos por Tom Wolfe em “Radical Chique e o Novo Jornalismo”. Esses recursos vêm dos romances realistas e, segundo Tom Wolfe (2005), foram descobertos pelos jornalistas “por meio da experiência e erro, por ‘instinto’, mais que pela teoria” (WOLFE, 2005, p. 53).

O primeiro desses recursos é a construção do texto cena a cena. As cenas são expostas uma depois da outra, como se estivessem ocorrendo no momento. Elas possuem maior poder de realismo e imaginação para o leitor, que vive o fato junto aos personagens.

> Os três jogadores descem do táxi e se aventuram nos poucos metros de estrada cobertos por água. Vagarosamente, atravessam o local com as mãos levantadas na altura do peito buscando o equilíbrio. Passam pela enchente e saem molhados até as coxas.
> Entram assim mesmo no carro que os espera do outro lado. Tiram ali dentro as roupas molhadas e começam a se fardar. O uniforme é vestido com dificuldades, enquanto o veículo acelera pela estrada, em direção ao Colosso do Jacuí. Bota o calção. Bate a perna no banco da frente. Cai o corpo para a direita na curva para esquerda. Entra a primeira manga da camisa. Pula no solavanco da estrada de chão. Veste a segunda manga (p.99).

O segundo recurso proposto por Tom Wolfe (2005) é o registro de diálogos completos. “O diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficácia do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 2005, p. 54).

> Ele senta na beira do campo, de pés descalços, e acompanha as atividades. Porém, antes de começar o coletivo, o treinador, Dr. Horácio, grita para o pequenino do lado de fora do gramado:
> - Ô, Varguinhas!
> - Eu? – responde o menino com olhar de espanto.
> - Sim! Vem cá, tu não joga futebol? – pergunta o treinador.
> - Não senhor, nunca joguei...
> - Olha, tá faltando um jogador aqui ainda. Tu não quer entrar e jogar até ele chegar? –Horácio faz o convite.
> - Não sei... – diz o menino, pois não tem certeza nem se conhece todas as regras direito.
> - O que tu sabe fazer? – questiona o treinador.
> - Sei jogar caçador! – Carlos se anima em falar sobre seu esporte.
> - O que é isso? – Dr. Horácio não tem ideia do que é o tal esporte, para a frustração do garoto.
> - Ah, é aquele jogo que tu tem que pegar a bola com as mãos... – o jovem tenta explicar ao treinador que está pouco interessado.
> - Não, não, não... Goleiro eu já tenho dois aqui, preciso que tu jogue lá na frente – explica o treinador.
> - Mas eu nem sei o que eu tenho que fazer direito – diz o menino, assustado.

> - Tá vendo aquela goleira ali? – Horácio tenta ser didático com o pequeno inexperiente.
> - Tô! – diz Carlos.
> - É só tu chutar a bola nela e faz o gol, não tem mistério! – ensina o técnico.
> - Tá bom! – Carlos já sabia de tudo isso que o treinador estava falando. Instruções óbvias. Mas mesmo assim ouviu para ter certeza (p. 124-125).

Outro recurso utilizado no Jornalismo Literário é o "ponto de vista em terceira pessoa". Assim, os fatos são apresentados pelo ponto de vista de algum personagem, "dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta" (WOLFE, 2005, p.54).

> No vestiário, Josué confere os dados do jogo. O Marcão, o Osni, sempre ele - tem que parar de ser esquentadinho - e o Renato tomaram cartão amarelo. Deixa eu ver pra quem é que eu posso botar esses cartões. Um pro Tadeu, um pro Daniel e outro pro Heitor. Pronto. Agora eles continuam zerados (p. 83-84).

E, por fim, o quarto recurso é a descrição, ou *status de vida*. "Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, [...], olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena" (WOLFE, 2005, p. 55).

> Um caminho de pedras cor de neve, escondido em meio ao asfalto que liga Dona Francisca à Agudo, pouco depois da curva em formato de cotovelo. A estreita estrada mal comporta um carro. A subida íngreme exige uma redução de marcha para não apagar o veículo. Após alguns metros, um enorme portão surge. Tênis de corrida, calção e uma camiseta branca sem estampas. Confortável e à vontade, Sergio abre as portas do seu pequeno paraíso. A paisagem tranquiliza o estresse do dia. O verde das árvores cerca sua residência. Sensação de pureza, paz, tranquilidade. Ainda mais quando cumprimenta os inúmeros amigos de quatro patas. Cachorros de todos os tamanhos e personalidades. Essa pretinha ali é mais braba! Todos foram resgatados das ruas. Pelos telhados da casa de dois pisos um ou outro gato passa as horas. O local parece apropriado. Embora os cuscos não pareçam uma ameaça, estão por toda a parte no solo. Melhor não arriscar descer. A confusa tarde quente e ensolarada de inverno permite um traje mais leve e casual. Só depois de vestir o short, Sergio percebe uma grande mancha roxa na coxa (p. 42).

Esses recursos, emprestados da ficção, dão vivacidade ao relato. Fogem de dados enciclopédicos, apenas informativos e históricos. O caráter humano enfatiza a riqueza das histórias do Esporte Clube Franciscano, o clube de futebol amador que está longe dos holofotes, mas que também é significativamente relevante e importante, ao menos para a pequena cidade de Dona Francisca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez que ouvia uma história do Esporte Clube Franciscano, contada com orgulho pelas pessoas que construíram a trajetória do clube, me sentia com medo de que ela nunca mais fosse ouvida por ninguém. Os fatos vivenciados pelos franciscanos para erguer o time do coração, com trabalho e seriedade, precisavam ser registrados em algum lugar. Por isso, como último trabalho feito durante o período da graduação em jornalismo, decidi deixar esse registro, como forma de retribuição à comunidade em que cresci e que tenho tanto apego.

Consideramos que o Jornalismo Literário foi a melhor forma para contar essas histórias. Assim, o lado humano fica nítido na narrativa, os amadores do esporte são retratados com suas características humanas, que vão além dos feitos esportivos propriamente ditos. Buscamos explorar a relação íntima de cada pessoa com um clube de futebol amador.

A apuração desse projeto foi um período de grande aprendizado e satisfação. As conversas chegavam a horas de duração. Nesse período, pouco foi falado e muito foi ouvido. As histórias eram diversas: hilárias, surpreendentes e emocionantes. E o Franciscano passou a fazer parte da minha vida, vinte e quatro horas por dia.

Esse projeto experimental me permitiu trabalhar em um formato inédito até então, o de livro. Sem um limite de espaço para contar as histórias e com um prazo maior para a escrita. Mesmo assim, o tempo para a elaboração do trabalho de conclusão de curso (dois semestres letivos) não é o suficiente para um projeto desse tamanho. Como a dedicação não foi exclusiva – em meio a outras atividades da faculdade, trabalho e estágio – o material teve que contar com uma seleção mais criteriosa de personagens. Algumas histórias não foram contadas. Outras nem podem mais ser, pela perda da memória oral e pelos personagens envolvidos nos primeiros anos do clube não viverem mais. Mesmo assim, consideramos o resultado final de grande valor para a comunidade de Dona Francisca, por contar com um registro inédito, em um estilo de leitura atrativo das histórias que também poderiam ser perdidas com o tempo, caso fossem ignoradas. Essa não é uma história definitiva – e nem pretende ser – do Esporte Clube Franciscano, são algumas construções baseadas nos relatos das pessoas que viveram as histórias. Além dessas, existem tantas outras histórias sobre o clube que também merecem – e devem – ser contadas.

REFERÊNCIAS

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CAPOTE. Direção: Bennet Miller. Canadá e Estados Unidos, 2006. 114 min.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASASSOLA, Norma Bernardete. **1850 Dona Francisca a 1900: sua terra e sua gente**, 1983.

CASTELLO, José. **Como escrever uma biografia**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 46-49, ago. 2008.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 2005.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y periodismo**. Barcelona: Aldeia Global, 1999.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa:** um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

COSTA, Cristiane. **Como ser escritor sendo jornalista**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 16-23, ago. 2008.

DAMÁZIO, Reynaldo. **Entre o imediato e a transcendência**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 08-11, ago. 2008.

FRAIA, Emílio. **Crupiês de um cassino desonesto**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 62-65, ago. 2008.

FRANCO, H. J. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FRESÁN, Rodrigo. **Hunter S. Thompson: a vida é a obra**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 56-61, ago. 2008.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GIANNETTI, Cecília. **Tom e Gay, pais do New Journalism**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 66-73, ago. 2008.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, 1990.

LIMA, Pereira Edvaldo. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009.

LOPES, Jonas. **Hemingway e o mito do autor em ação**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 32-35, ago. 2008.

MEDO e Delírio. Direção: Terry Gillian. Estados Unidos, 1998. 118 min.

MULLER, Iuri. **Estilhaços de Rodolfo Walsh**. Santa Maria: Maria Papelão, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSSI, Jones; MENDES JÚNIOR, Leonardo. **Guia politicamente incorreto do futebol**. São Paulo: Leya, 2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e Delírio em Las Vegas**: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano. Porto Alegre: L&PM, 2011.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **A arte do perfil**. Revista Biblioteca EntreLivros. São Paulo, n 11, p. 38-41, ago. 2008.

_____. **Biografias e Biógrafos**. São Paulo: Summus, 2002.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.